

A COMUNA DE PARIS FOI DOCUMENTADA: UMA ANÁLISE DA OBRA “LA COMMUNE” DE PETER WATKINS

PARIS COMUNE WAS DOCUMENTED: AN ANALYSIS OF PETER WATKINS “LA COMMUNE”

LA COMUNA DE PARÍS FUE DOCUMENTADA: UN ANÁLISIS DE LA OBRA “LA COMMUNE” DE PETER WATKINS

Waleska S. Gaspar¹

Resumo: A Comuna de Paris, ocorrida em 1871, foi o resultado da organização dos trabalhadores que tomaram o poder na França, instalando o primeiro governo operário da história. Frente a isso, a revolução social de caráter proletário-popular é considerada um marco para a história do movimento dos trabalhadores. Este trabalho tem por objetivo analisar a obra cinematográfica intitulada "La Commune (Paris, 1871)" de Peter Watkins (2000), a qual abarca em seu contexto os eventos que fizeram parte da Comuna de Paris. Tal proposta vem ao encontro da relação entre história e cinema, a qual considera a produção cinematográfica enquanto um documento de investigação histórica. Sendo assim, pretende-se interpretar a obra a partir de uma perspectiva crítica, buscando compreender de que forma o filme constrói sua narrativa acerca dos eventos históricos que procura representar.

Palavras-chave: Cinema. Comuna de Paris. História contemporânea.

Abstract: The Paris Comune, which occurred in 1871, was the result of organization of workers who took the power in France, establishing the first workers government in history. Given this, the proletarian-popular social revolution is considered a milestone in the history of the labor movement. This paper aims to analyze the cinematographic work entitled “La Commune (Paris, 1871)” by Peter Watkins (2000), which includes in its context the events that were part of Paris Commune. This proposal meets the relationship between history and movie theater, which considers film production as a historical research document. Therefore, this paper intends to interpret the work from a critical perspective, seeking to understand how the film builds its on narrative about the historical events seeks to represent.

Keywords: Movie theater. Paris Commune. Contemporary history.

Resumen: La Comuna de París, que ocurrió en 1871, fue el resultado de la organización de los trabajadores que tomaron el poder en Francia, instalando el primer gobierno obrero de la historia. Ante eso, la revolución social de carácter proletario-popular es considerada un hito en la historia del movimiento de los trabajadores. Este artículo tiene como objetivo analizar el trabajo cinematográfico llamado “La Commune (París, 1871)” de Peter Watkins (2000), que envuelve en su contexto los eventos que hicieron parte de la Comuna de París. Tal propuesta converge con la relación entre historia y cine, que considera la producción cinematográfica

como un documento de investigación histórica. Por lo tanto, se pretende interpretar la obra desde una perspectiva crítica, buscando comprender de que forma la película construye su narrativa sobre los eventos históricos que procura representar.

Palabras clave: Cine. Comuna de París. Historia contemporánea.

Introdução

Em 1871, o povo de Paris, revolta-se contra o governo instaurado sob o poder de Adolphe Thiers. Com apoio da Guarda Nacional, os *communards*ⁱⁱ fundam um governo popular, coletivizam a produção, reformam o sistema educacional, entregam o poder ao povo. A Comuna de Paris, como ficou conhecida, adotou uma política baseada nos princípios da Primeira Internacional dos Trabalhadores, sendo a resposta das condições pelas quais a França passava, bem como o avanço da consciência dos trabalhadores. A revolução social de caráter proletário-popular é, desta forma, considerada um marco para a história do movimento dos trabalhadores.

O presente trabalho tem por objetivo analisar a obra cinematográfica intitulada *La Commune (Paris, 1871)* de Peter Watkins (2000), a qual abarca em seu contexto os eventos que fizeram parte da Comuna de Paris. Tal proposta vem ao encontro da relação entre história e cinema, quando este passa a ser considerado documento de investigação histórica, sendo interpretado enquanto testemunho da sociedade que o produziu, como reflexo das ideologias, costumes e mentalidades coletivas.

Para Eric Hobsbawm (1986), o cinema pode ser definido como um dos maiores fenômenos culturais do século XX, devido ao seu poder de penetração e difusão. O domínio do visual promoveu a sensação de ruptura entre o passado e o presente, acelerada pela velocidade e profundidade das transformações tecnológicas e sociais da última metade do século XX.

A aproximação entre os estudos históricos e o cinema é o resultado das renovações pela qual passou a história advindas do movimento dos *Annales*. Sendo assim, somente a partir da década de 1970, o filme passou a ser visto como um documento de investigação histórico. O cinema passa a ser considerado como registro histórico e agente transformador da história. Nesta nova interpretação dada as obras cinematográficas pelos historiadores, o autor Marc Ferro foi pinheiro ao aprofundar as reflexões acerca da relação cinema-história. Em seus estudos, Ferro chama a atenção sobre como os filmes influenciam as sociedades e porque se constituem como pontos de referência para as novas gerações sobre os acontecimentos, os modos de vida e culturas próximas e distantes. Conforme o autor,

[...] o filme pode tornar-se um documento para a pesquisa histórica na medida em que articula ao contexto histórico e social que o produziu um conjunto de elementos

intrínsecos a própria expressão cinematográfica. Esta definição é o ponto de partida que permite tirar o filme do terreno das evidências: ele passa a ser visto como uma construção que, como tal, altera a realidade através de uma articulação entre a imagem, a palavra, o som e o movimento. (2010, p. 86).

Da mesma forma, Acosta-Jiménez elucida como os filmes se constroem enquanto narrativas audiovisuais ligadas a perspectivas e contextos das sociedades que as circundam:

A cinematografia é uma expressão que reconhece o "sentido coletivo" de manifestações políticas, aspectos sociais, econômicos e culturais de um determinado momento passado e presente mostrado nas imagens audiovisuais. Na história das sociedades é evidente como esta tem gerado formas de expressão mediante as quais narram, se examinam e tornam visíveis suas identidades, conflitos, lutas de poder e transformações de grupos sociais (2018, p. 52).

Ainda conforme o autor, o historiador pode identificar alguns eixos temáticos que contribuem para as análises entre história e cinema. O primeiro deles diz respeito a utilização do cinema como documento para o estudo sistemático das realidades históricas que se pretendem representar nos filmes, bem como as relações estabelecidas com contextos sociais mais amplos. Assim, o cinema deve ser reconhecido como uma fonte auxiliar da história visto que, a partir da leitura histórica de um filme, torna-se possível a "contra análise" da sociedade.

O segundo ponto abordado pelo autor é a interpretação dos filmes como mecanismos que se encarregam de agenciar uma versão dos acontecimentos históricos. Isto permite que se reflita sobre a confiabilidade das representações do passado e de que forma estas se apresentam e expressam os eventos históricos. Também, a questão da problematização da linguagem cinematográfica e as perspectivas estéticas utilizadas em sua produção é algo que deve ser considerado. Tais aspectos dizem muito sobre os processos sociais e culturais do seu tempo, algo que vai ao encontro do que o autor Marc Ferro (2010) defende ao afirmar que o cinema se estabelece por uma estética audiovisual que se atravessa por conteúdos de tipo ideológico e político.

O último eixo apresentado por Acosta-Jiménez, faz referência a indagação pelo campo social e cultural onde se produzem e se apropriam os filmes, a partir da caracterização das formas como circulam as manifestações cinematográficas nas sociedades. Sendo assim, o cinema, seja ficcional ou documental, se mostra como representações de um passado que navega sobre o presente (2018, p. 54-55).

Por tudo isso, a relação entre cinema e História requer do historiador a ponderação sobre o enquadramento do filme enquanto documento historiográfico. Os filmes, como todo produto humano e, portanto, histórico, sempre será uma representação do passado de caráter individual e artístico, sendo uma obra de arte que nem sempre segue modelos lógicos e

coerentes e como tal, se apresenta carregado de subjetividade. Posto isso, este estudo buscou interpretar a obra selecionada para análise por meio de uma perspectiva crítica, considerando-a enquanto um discurso construído acerca dos eventos históricos os quais o filme buscou representar.

A Comuna de Paris: breve contextualização histórica

Para compreendermos a formação da Comuna de Paris se torna necessário fazer primeiramente uma breve análise do contexto histórico da época. Conforme Coggiola (2011), a Comuna foi, simultaneamente, produto de uma crise internacional marcada pela luta pela hegemonia europeia, que culminou na guerra franco-prussiana, e por uma crise nacional, caracterizada pela deterioração política do Segundo Império e a crise do regime bonapartista, além do desenvolvimento político e ideológico socialista do proletariado europeu nas décadas precedentes, que confluíram na organização da Internacional Operária, fundada em Londres em 1864.

Os antecedentes que marcaram a deflagração da Comuna de Paris ocorreram no início de setembro de 1870, com a então derrota das tropas francesas para os prussianos na Batalha de Sedan, tendo como uma das suas consequências a prisão de Napoleão III. Além disto, esta derrota implicaria na perda do exército e no sítio de Paris. Frente a isso, a pressão popular aumentava, como salienta Daniel Aarão Reis Filho (1997), a guerra franco-prussiana, urdida por ambições e causas imediatas amplamente ignoradas, ou mal dominadas, subitamente deflagrada, provocara um surto nacionalista, gerando movimentos de indignação e protesto, por parte dos parisienses, frente às sucessivas derrotas.

Com a prisão de Napoleão III, a situação do país sem um governo legítimo, criava condições para que a população de Paris insurgisse proclamando a República com o objetivo de desvencilhar-se do Império, o qual assumia o papel de derrotado. Por meio de articulações políticas entre republicanos e monarquistas, estruturou-se um Governo Provisório, entretanto, como salienta Costa, esses acontecimentos não são resultantes e nem significaram uma vitória das classes populares, muito menos a desestruturação do Estado burguês, pois o governo instaurado era composto, majoritariamente, por monarquistas e, em parte, por republicanos conservadores (2011, p. 18).

O Governo Provisório passa a não inspirar confiança frente às consecutivas derrotas e obscuridades com que tratava os inimigos prussianos. Tais condições criaram a necessidade de a Guarda Nacional assumir papel de destaque na resistência, preenchendo o vazio militar

existente. Junto a isso, pressões populares exigiam o armamento do proletariado. Em contrapartida, o governo desconfia das Comunas urbanas, principalmente de Paris que, conforme Reis Filho, eram consideradas pelo governo como massas fora de controle e perigosas. (1997, p. 4).

Em meio a essa conjuntura, tropas prussianas já avançavam por território francês e sitiavam a cidade de Paris. O governo assume uma posição capitulacionista frente aos invasores, enquanto a população de Paris, principalmente a classe operária, opta por resistir e exige eleições para a instalação da Comuna, tal tentativa, contudo, falha em um primeiro momento, pois novas eleições foram efetuadas que, conforme Costa, acabaram sendo conduzidas de forma profundamente antidemocrática, associadas ao cerco de Paris, permitiram plena liberdade de ação e condições extremamente favoráveis aos conservadores e reacionários (2011, p. 19). Sendo assim, a Assembleia Nacional que foi eleita era composta predominantemente de conservadores e monarquistas que acabam por escolher como líder Adolphe Thiers, o qual transfere o governo para Versalhes. A esta altura, os parisienses buscavam organizar sua própria forma de governo, propondo a Assembleia Nacional a autonomia de Paris, proposta que foi amplamente negada. Frente à retaliação sofrida, as ideias revolucionárias iam ganhando cada vez mais força e apoio, ampliando seu arsenal e a defesa da cidade.

Ao mesmo tempo, a população de Paris, majoritariamente republicana, sofria com inúmeras recessões econômicas e formas de repressão. A situação piorou quando forças do governo tentaram tomar os canhões adquiridos pela Guarda Nacional por meio de uma subscrição, os quais estavam destinados a proteger Paris contra o exército prussiano (ACHCAR, 2009, p. 24). A tentativa resulta no fuzilamento dos comandantes da operação pela multidão que os cercava, frente a isso, restou para os apoiadores do governo de Thiers e grande parte das classes abastadas, evacuar a cidade rumo a Versalhes.

Como aponta Coggiola (2001) quando em 18 de março de 1871, o proletariado de Paris, incluindo mulheres e crianças, reagiu à tentativa do governo de Thiers de desarmar a Guarda Nacional, que na prática era o povo armado, começava a Comuna de Paris. A proclamação do Comitê Central da Guarda Nacional de 18 de março foi clara quanto ao caráter de classe e os objetivos do poder que nascia:

Os proletários da capital, em meio aos desfalecimentos e as traições das classes governantes, compreenderam que para eles tinha chegado a hora de salvar a situação tomando em mãos a direção dos negócios públicos, compreenderam que era seu dever imperioso e seu direito absoluto tomar em mãos os seus destinos e assegurar-lhes o

trunfo conquistando o poder (Proclamação do Comitê Central da Guarda Nacional de 18 de março de 1871, Apud, COGGIOLA, 2001, p. 89).

Frente a tal conjuntura, não era mais contra os prussianos que população lutava, mas sim, contra o exército de reação francesa. Colocavam-se em posições antagônicas dois campos de classes e duas concepções de sociedade. Com o Governo Provisório retirando-se para Versalhes, o Comitê Central da Guarda Nacional assumia o governo de Paris de maneira provisória até que novas eleições fossem feitas para a escolha do conselho da Comuna. Como salienta Gilbert Achcar,

[...] a vitória é rápida e surpreendente – inesperada, para resumir. Thiers não quis arriscar, temendo que suas tropas fossem contaminadas pela revolta parisiense. Preferiu recua-las em Versalhes, deixando Paris entre seu exército e o exército prussiano, de modo que pudesse a reconquista da cidade rebelde (2009, p. 26).

As eleições ocorreram em 26 de março com a posse de 79 eleitos, entre eles operários, empregados de escritórios, artesões, profissionais liberais e intelectuais. Entre os membros dividia-se as afinidades políticas, eram em partes, filiados à Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), componentes do Comitê Central da Guarda Nacional, bem como blanquistas, republicanos neojacobinos e socialistas moderados. (ACHCAR, 2009 p. 28). *No 1^o lème arrondissement* de Paris foi formado um Comitê Central eleitoral republicano, democrata e socialista e que apresentou um programa político mais definido: direito de viver, liberdade individual, liberdade de consciência, liberdade de reunião e associação, liberdade de palavra, de imprensa e de todos os modos de expressão do pensamento, liberdade de sufrágio:

O Estado é o povo se governando por si próprio, composto de mandatários revogáveis, eleitos pelo sufrágio universal direto, organizado (...) O trabalho coletivo deveria ser organizado, o objetivo da vida é o desenvolvimento indefinido de nosso ser físico, intelectual e moral; a propriedade não deve ser mais que o direito de cada um participar, em razão da cooperação individual, no fruto coletivo do trabalho de todos, que é a forma da riqueza social (Proclamação do Comitê Geral da Comuna de Paris de 1871. Apud, COGGIOLA, 2001, p. 91).

Na mesma proclamação se afirmava que "o povo trabalhador de Paris e seus arredores proclama a fundação da Comuna de Paris. Os delegados dos conselhos de bairro constituídos em Assembleia da Comuna, único poder soberano" decretaram um conjunto de artigos que deveriam reger a vida em sociedade:

Artigo I. As velhas autoridades de tutela, criadas para oprimir o povo de Paris, são abolidas, tais como comando da polícia, governo civil, câmaras e conselho municipal. E as suas múltiplas ramificações: comissariados, esquadras, juizes de paz, tribunais, etc., são igualmente dissolvidos.

Artigo II. A Comuna proclama que dois princípios governarão os assuntos municipais: a gestão popular de todos os meios da vida coletiva; a gratuidade de tudo o que é necessário e de todos os serviços públicos.

Artigo III. O poder seria exercido pelos conselhos de bairro eleitos. São eleitores e legíveis para estes conselhos de bairro todas as pessoas que nele habitem e que tenham mais de 16 anos de idade.

Artigo IV. Sobre o problema da habitação tomam-se as seguintes medidas: expropriação geral dos solos e sua posta à disposição comum, requisição das residências secundárias e dos apartamentos ocupados parcialmente; são proibidas as profissões de promotores, agentes de imóveis e outros exploradores da miséria geral; os serviços populares de habitação trabalharão com a finalidade de restituir verdadeiramente à população parisiense o seu caráter trabalhador e popular.

Artigo V. Sobre os transportes tomam-se as medidas seguintes: os autocarros, os trens suburbanos e outros meios de transportes públicos são gratuitos e de livre utilização; o uso de viaturas particulares é proibido em toda a zona parisiense, com exceção das viaturas de 92 bombeiros, ambulâncias e de serviço a domicílio; a Comuna põe à disposição dos habitantes de Paris um milhão de bicicletas cuja utilização é livre, mas não poderão sair da zona parisiense e seus arredores.

Artigo VI. Sobre os serviços sociais tomam-se as seguintes medidas: todos os serviços ficam sob controle das juntas populares de bairro e serão geridos em condições paritárias pelos habitantes de bairro e os trabalhadores destes serviços; as visitas médicas, consultas, assistência médica e medicamentos serão gratuitos.

Artigo VII. A Comuna proclama a anistia geral e a abolição da pena de morte e declara que a sua ação se baseia nos seguintes princípios: dissolução da policia municipal, dita policia parisiense; dissolução dos tribunais e tribunais superiores; transformação do Palácio da Justiça, situado no centro da cidade, num vasto recinto de atração e de divertimento para crianças de todas as idades; em cada bairro de Paris é criada uma milícia popular composta por todos os cidadãos, homens e mulheres, de idade superior a 15 anos e inferior a 60 anos, que habitem o bairro; são abolidos todos os casos de delitos de opinião, de imprensa e as diversas formas de censura: política, moral, religiosa, etc ; Paris é proclamada terra de asilo e aberta a todos os revolucionários estrangeiros, expulsos pelas suas idéias e ações. Artigo VIII. Sobre o urbanismo de Paris e arredores, consideravelmente simplificado pelas medidas precedentes, tomam-se as decisões seguintes: proibição de todas as operações de destruição de Paris: vias rápidas, parques subterrâneos, etc; criação de serviços populares encarregados de embelezar a cidade, fazendo e mantendo canteiros de flores em todos os locais onde a estupidez levou a solidão, a desolação e ao inabitável; o uso doméstico (não industrial nem comercial) da água, da eletricidade e do telefone é assegurado gratuitamente em cada domicílio; os contadores são suprimidos e os empregados são colocados em atividades mais úteis.

Artigo IX. Sobre a produção, a Comuna proclama que: todas as empresas privadas (fábricas, grandes armazéns) são expropriados e os seus bens entregues à coletividade; os trabalhadores que exercem tarefas predominantemente intelectuais (direção, gestão, planificação, investigação, etc) periodicamente serão obrigados a desempenhar tarefas manuais; todas as unidades de produção são administradas pelos trabalhadores em geral e diretamente pelos trabalhadores da empresa, em relação à organização do trabalho, distribuição de tarefas; fica abolida a organização hierárquica da produção; as diferentes categorias de trabalhadores devem desaparecer e desenvolver-se a rotatividade dos cargos de trabalho; a nova organização da produção tenderá para assegurar a gratuidade máxima de tudo o que é necessário e diminuir o tempo de trabalho. Devem-se combater os gastadores e parasitas. Desde já são suprimidas as funções de contramestre, cronometrista e supervisor.

Artigo X. Os trabalhadores com mais de 55 anos, que desejem reduzir ou suspender a sua atividade profissional, têm direito a receber integralmente os seus meios de existência. Este limite de idade será menor em relação a trabalhos particularmente custosos.

Artigo XI. É abolida a escola "velha". As crianças devem se sentir como em sua casa, aberta para a cidade e para a vida. A sua única função é a de torná-las felizes e criadoras. As crianças decidem a sua arquitetura, o seu horário de trabalho, e o que desejam aprender. O professor antigo deixa de existir: ninguém fica com o monopólio da educação, pois ela já não é concebida como transmissão do saber livresco, mas como transmissão das capacidades profissionais de cada um.

Artigo XII. A submissão das crianças e da mulher à autoridade do pai, que prepara a submissão de cada um à autoridade do chefe, é declarada morta. O casal constitui-se livremente com o único fim de buscar o prazer comum. A Comuna proclama a

liberdade de nascimento: o direito de informação sexual desde a infância, o direito ao aborto, o direito a anticoncepção. As crianças deixam de ser propriedade de seus pais. Passam a viver em conjunto na sua casa (a Escola) e dirigem a sua própria vida.

Artigo XIII. A Comuna decreta: todos os bens de consumo, cuja produção em massa possa ser realizada imediatamente, são distribuídos gratuitamente; são postos à disposição de todos nos mercados da Comuna. (Proclamação do Comitê Geral da Comuna de Paris de 1871. Apud, COGGIOLA, 2001, p. 91-92).

Sobre as medidas sociais tomadas pela Comuna, Reis Filho destaca a suspensão das cobranças das dívidas e dos aluguéis, a abolição do trabalho noturno e das agências de emprego, a suspensão da venda de objetos de penhores e a autorização para os trabalhadores assumirem as empresas dos patrões fugidos. Além disso, conseguiram reservas do trabalho estatal disponível para as associações operárias de produção, bem como a elaboração de um esboço de legislação em prol da proteção do trabalho feminino e infantil além da laicização do ensino e a separação radical entre a religião e o Estado. (1997, p. 5).

Karl Marx experienciou a Comuna, o que possibilitou um aprofundamento de sua teoria, em especial no que toca ao aspecto político. Para Marx,

A Comuna pretendia abolir essa propriedade de classe que converte o trabalho de muitos na riqueza de uns poucos. A Comuna aspirava à expropriação dos expropriadores. Queria fazer da propriedade individual uma realidade, transformando os meios de produção, a terra e o capital, que hoje são fundamentalmente meios de escravização e de exploração do trabalho, em simples instrumentos de trabalho livre e associado. (...) A classe operária não esperava da Comuna nenhum milagre. Os operários não têm nenhuma utopia já pronta para introduzir 'par décret du peuple'. Sabem que para conseguir sua própria emancipação, e com ela essa forma superior de vida para a qual tende irresistivelmente a sociedade atual, por seu próprio desenvolvimento econômico, terão que enfrentar longas lutas, toda uma série de processos históricos que transformarão as circunstâncias e os homens. Eles não têm que realizar nenhum ideal, mas simplesmente libertar os elementos da nova sociedade que a velha sociedade burguesa agonizante trazem seu seio (1977, p. 203).

Foi no campo político que a Comuna teve maior relevância histórica, o princípio da soberania popular, filho da Revolução de 1789-1792, ganhou ainda mais força. Como ressalva Reis Filho, as modalidades de sua aplicação serviram como exemplo para movimentos futuros, assumidas pelas organizações operárias e revolucionárias mais radicais (1997, p. 5).

A Comuna caracterizaria a primeira experiência de ditadura do proletariadoⁱⁱⁱ na história. Destruindo com a máquina estatal burguesa, o governo organizou-se de acordo com princípios democráticos, entre eles, a elegibilidade, a demissibilidade de todos os funcionários e o caráter colegiado da direção. Comissões eletivas dirigiam os assuntos públicos, substituindo os antigos ministérios, o salário dos trabalhadores do aparato da Comuna e de seus membros foram fixados proporcionalmente ao salário médio de um operário. Sobre o melhoramento da situação material das grandes massas, a Comuna fixou a remuneração mínima do trabalho,

foram tomadas medidas de proteção do trabalho e de luta contra o desemprego, de melhoramento das condições de moradia e do abastecimento da população. A reforma escolar fundamentou-se no princípio da educação geral, ou seja, gratuita, obrigatória, laica e universal. Em suma, “a obra administrativa e social da Comuna é absolutamente notável, se levarmos em conta as condições em que se realizou e a pouca qualificação da maioria do pessoal de que dispunha.” (ACHCAR, 2009, p. 28).

Mesmo sendo excluídas da cena política e sofrendo dificuldades como o machismo impregnado nos homens da época, as mulheres mantiveram um importante papel, sendo o primeiro movimento feminino em massa. Dentre seus comitês e organizações, destacam-se a União das mulheres pela Defesa de Paris e pelos Cuidados aos Feridos, bem como o Comitê de Vigilância das Cidadãs de Montmartre.

Em contrapartida, o governo em Versalhes organizava-se para concentrando maiores forças para o contra-ataque, o cerco estava se fechando para os *communards*. Em 10 de maio de 1871, Thiers assinava o Tratado de Paz com Bismarck, entre os acordos, estava o da liberdade de cerca de sessenta mil soldados franceses que se encontravam prisioneiros das forças prussianas, os quais somariam força para a organização de um efetivo militar de aproximadamente cento e setenta mil homens. Como elucida Reis Filho,

O partido prussiano da ordem, vencedor; deu as mãos ao partido francês da ordem, perdedor, para, em conjunto, arrasarem e silenciarem o questionamento dos que recusavam os termos e a sorte da guerra que vinha a terminar: era a desordem, e precisava ser vencida”, os aspectos sociais sobrepunham-se aos nacionais em meio a um conflito internacional (1997, p.06).

A reação do governo Thiers contra os revolucionários da Comuna é de extrema violência. Em 21 de maio, foi dado início ao ataque final a Paris, evento que ficou conhecido como *Semaine sanglant*, ou seja, semana sangrenta. Barricadas após barricadas revolucionárias foram sendo destruídas e, mesmo em número inferior, as forças revolucionárias tentaram resistir ao ataque. No dia 27 de maio, as tropas a serviço do governo de Thiers ocuparam a barricada operária de Belleville. Os revolucionários que ainda lutavam no cemitério de Peré Lachaise foram cercados e fuzilados. A última barricada operária a resistir era a *rue de Ramponneau*, a qual acaba sendo tomada em 28 de maio, e a vitória final viria com a invasão das tropas do governo ao Forte de Vincennes.

Paris foi praticamente destruída à medida que as tropas de Versalhes avançavam. A média de mortos é demasiadamente desproporcional entre os dois movimentos: do lado de Versalhes, as mesmas chegam a aproximadamente mil mortos, enquanto os parisienses,

afirmam-se cerca de 20 mil assassinatos. Como aponta o autor Gilbert Achcar, ao menos 40 mil pessoas entre homens, mulheres e crianças foram detidas, as quais esperaram por um julgamento enquanto tratados de forma sub-humana. Dos processos julgados, resultaram certo número de sentenças de morte, trabalhos forçados e deportações. Nas palavras do autor: “é incontestável que a repressão comandada por Adolphe Thiers prefigurou as piores atrocidades dentre todas que esse século trágico conheceria” (ACHCAR, 2009, p. 34).

Contudo, mesmo derrotada, a Comuna exerceu grande influência sobre as diversas correntes de pensamento no decorrer de todo o século XX. Sob a perspectiva proletária e os avanços sociais que viriam posteriormente, é inevitável a eficácia histórica que esse evento ocasionou. Nas palavras de Coggiola sobre efeitos causados pela Comuna, reflete:

[...] uma revolução que permanece como “símbolo e exemplo” por ter sido, não a última das revoluções populares “ilusórias” que precederam o domínio político da burguesia, mas a primeira, e talvez a mais radical, das revoluções conscientes - proletárias - da contemporaneidade capitalista [...] (2001, p. 107).

Ou ainda, como bem nos coloca Paulo Barsotti (2002),

Retomar a história da Comuna de Paris de 1871 é repor a ideia da revolução, da possibilidade de auto emancipação dos trabalhadores, da construção de uma “sociedade humana ou humanidade social” como alternativa à barbárie do capital e da sociedade de mercado, para o século XXI.

O filme *La Commune* de Peter Watkins

O filme *La Commune (Paris, 1871)*, de autoria e direção do cineasta britânico Peter Watkins, foi produzido no ano de 1999 na França, e procurou reconstruir os acontecimentos que fizeram parte da Comuna de Paris de 1871. Com quase seis horas de duração o filme desenvolve-se a partir de diálogos entre seus atores que dramatizam a experiência da revolução desde sua euforia inicial até a vitória do governo francês contra os revolucionários.

Em seu início, o filme reconstitui um confronto entre os parisienses e soldados do Estado que atentaram contra o decreto que protegia a capital. Nesse momento, jornalistas vestidos como pessoas da época, seguidos por câmeras e microfones, entrevistam pessoas na multidão registrando o entusiasmo dos primeiros dias da revolução, bem como testemunhos burgueses que representam a inquietação frente os acontecimentos, passando a ideia de que a revolução estaria sendo assim, documentada.

É utilizando esse recurso um tanto quanto anacrônico, que Watkins desenrola a trama cinematográfica. Duas emissoras rivais representam uma suposta mídia da época. De um lado está a *Télé Versailles Nationale (TVN)*, apoiadora do governo instalado em Versalhes, do outro,

a Télévision Commulane, fundada pelos membros da Comuna, os quais procuram transmitir as vozes, posicionamento e ideias da população.

Além disso, o filme também registra como foi o progresso para a reconstituição dessa história. Uma espécie de *making of* das gravações do *La Communa* acompanha diferentes cenas ao mesmo tempo em que reconstrói os eventos que fizeram parte da Comuna de 1871. Desta forma, a obra estabelece uma relação entre o passado e o presente nas mudanças sociais por meio dos processos de reconstrução histórica. Ao utilizar elementos anacrônicos, como as emissoras que então seriam as responsáveis por documentar os acontecimentos acerca do contexto social e político da época, o filme acaba por instigar no espectador a ideia de como teria sido a revolução se a mesma tivesse sido televisionada.

De forma geral, *La Comunne* vai trabalhar com seus personagens e trama de múltiplas formas, rompendo com qualquer entendimento linear do passado, presente e futuro. No decorrer das filmagens, situações que envolvem os acontecimentos de 1871, se cotejam a problemas políticos e econômicos mais recentes, criando dessa maneira, diálogos que acabam se entrelaçando entre a reconstituição histórica e a realidade dos participantes do filme.

Os atores^{iv} que representam papéis como membros da Comuna, membros da Guarda Nacional, soldados, classe trabalhadora e burguesa do século XIX, entram e saem dos seus personagens, articulando por meio de suas falas, o passado e o presente, citando estatísticas e problemas contemporâneos que vão desde a globalização até a desigualdade entre gêneros, por exemplo. Mesmo dificultando a interpretação dos acontecimentos em certos momentos, as técnicas não convencionais utilizadas por Watkins tornam-se pertinentes na medida em que efetuam conexões entre o contexto que envolveu a Comuna de 1871, e os problemas contemporâneos. É com intuito proposital que o diretor confunde em seu filme fatos e ficções, mundo histórico e mundo presente. A obra cinematográfica ao mesmo tempo em que resgata a historicidade da Comuna, levanta outras críticas acerca de problemas atuais, direcionando em grande medida, críticas ao sistema capitalista vigente. Sobre tais aspectos, escreve Jean-Philippe Chimot

A continuidade desejada e exposta num crescendo no filme entre a situação histórica de 1871 e a atual mostra que o tempo decisivo da arte é o tempo presente; presente na medida em que, no lugar de suportar o passado, de uma maneira objetivante ou subjetivante, ela opera sensível e visivelmente sobre ele (a atualidade vindo a se tornar, aliás, já um novo passado). (2004, p. 78).

A longa duração do filme afirma o complexo processo coletivo que envolveu a Comuna de 1871, descrevendo a exaustão da esperança revolucionária dos membros envolvidos. As filmagens são todas em preto e branco e feitas em espaços adaptados de forma simples, desta

forma, a atenção volta-se para os diálogos, as trocas humanas entre personagens e atores conforme se relacionam com o passado. Tanto pela duração, como pela construção estética e de seu enredo, fica claro que a obra cinematográfica da *La Commune* foge do convencional, sendo o oposto das produções comerciais atuais. No decorrer da trama cinematográfica, intertítulos sinalizam alguns posicionamentos, a exemplo, a crítica direcionada a falta de profundidade de discussão sobre a Comuna de Paris na grade escolar francesa nos dias presentes. Chimot, salienta:

É verdade que este filme solicita um esforço de atenção, um trabalho do espectador muito mais importante do que o que nós consentimos habitualmente, em tempo e em natureza: tudo o que é espetáculo e entretenimento está reduzido ou ausente. Mas não é por isso que não se pode ver um tratamento exigente e ambicioso de UMA "comunidade artística". O próprio Watkins, muito provavelmente, se pôs mais questões que Daumier, Vautrin e Tardi juntos sobre as formas e as funções artísticas que se podem elaborar sem perder nem fazer perder de vista o objeto histórico povo. (2004, p. 77).

Nas cenas finais de *La Commune*, as tropas de Versalhes chegam a capital francesa e os membros da Comuna se preparam para a conclusão violenta da revolução nas barricadas. Um repórter se aproxima de uma multidão reunida na rua e pergunta: “Você sabe o que está acontecendo nas ruas de Paris agora?” As repostas que seguem ilustram a complexidade do “agora” no filme. Um homem mais velho responde primeiro: “Eu estava nas barricadas em 1944 na *Liberation* e eu estou pronto pra ir novamente pela liberdade dos meus filhos!” Tal resposta nos faz refletir sobre a que época o homem se refere, o mesmo se refere às barricadas de 1871? Ou ao presente? Quando um grupo de indivíduos são questionados pelo repórter se teriam eles ido às barricadas de 1871, a maioria responde que sim. Somente um homem responde “Não. Eu não teria ido e eu não iria hoje também”, também, outro ator, personagem membro da Comuna da multidão faz referência aos eventos de maio de 1968 em Paris, no qual ele mesmo participou.

Em outra cena abordada no filme, participantes falam dos acontecimentos ocorridos na Argélia, os quais assim como a Comuna, também foram massacrados pelas autoridades francesas. Os diálogos se movem para a questão do colonialismo na França do século XX, ressaltando a causa dos imigrantes que vivem ilegalmente na França hoje, sujeitos à discriminação e injustiças. Nesta cena, assim como ao longo do filme, o presente e o passado se misturam de forma heterogênea, incluindo uma série de momentos que fazem parte de contextos históricos franceses, tornando intrínseca a reconstrução histórica da Comuna de Paris à contínua luta por justiça social na atualidade.

As cenas finais do filme dramatizam a última resistência dos membros da Comuna nas barricadas e a execução de muitos de seus números antes de atacar esquadrões de soldados do Estado. Posicionados em um muro, muitos personagens afirmam “Vive la Commune!”, imagens mostram seus rostos exaustos. Soldados então gritam “fogo!” e seus tiros podem ser ouvidos. Neste momento, aparecem na tela os mortos, alguns deitados, outros empilhados um sobre o outro. Tal representação faz referência aos milhares de membros da Comuna mortos durante a conhecida “semana sangrenta” da revolução. A famosa fotografia, feita em 1871, de milhares de membros da Comuna deitados em seus caixões aparece na tela, confirmando a alusão que a cena faz aos eventos históricos reais.



Figura 1: Communards em Caixões – Vitimas dos conflitos entre os membros da Comuna de Paris e as tropas do Governo Thiers . Foto de Eugene Appert (1871). Fonte: Getty Images.

O uso de elementos anacrônicos e dos jogos de presente e passado utilizados no filme *La Communa*, acabam rompendo com a ideia de reconstruir o passado de forma linear e pronta, trazendo os problemas e preocupações contemporâneas para dentro de 1871. Desta forma, a obra de Peter Watkins pode ser tomado como uma crítica atual, direcionando sua análise às

mensagens políticas anticapitalistas e sobre questões que envolvam a democracia. Assim, por meio da tentativa de explorar os acontecimentos de 1871, o presente é retomado no filme como uma reflexão constante.

Neste sentido, podemos interpretar a filme a partir de problemáticas concernentes à época em que foi produzida a obra, bem como a maneira como o contexto do passado foi representado. A maneira pela qual a estética do filme foi construída, nos revela como o diretor se recusa a submeter-se a um certo “modelo comum” que se baseia em uma montagem frenética feita de estruturas narrativas simples. A escolha do diretor em usar em sua narrativa emissoras televisivas fictícias para noticiarem os acontecimentos ligados a Comuna, vai ao encontro de uma crítica maior: o papel dos meios de comunicação de massa nas sociedades. É nítida sua intenção ao denunciar os efeitos produzidos pela mídia audiovisual de massa, apresentada na obra como algo vulgar e habituada a simplismos e a curiosidades perversas. Percebe-se ao longo da trama como o espectador é sempre remetido a sua condição de espectador, provocando assim, nosso senso crítico. Por tal motivo, *La Commune* não se trata apenas de um filme de época que busca retratar acontecimentos do passado, mas sim, serve como ferramenta de aprendizagem que se apresenta como auxílio para questionarmos convenções pré-estabelecidas acerca do cinema, da mídia e da sociedade.

Ao descrever a história da Comuna de forma não fixa, somos provocados a refletir sobre a intenção narrativa do filme, a qual parece querer demonstrar que o desejo revolucionário não morreu naquele momento, mas ao contrário, é algo presente na memória mediante seu legado, expressando um sentimento político que se relaciona com o contexto histórico abordado até os dias de hoje. Em suma, o filme *La Commune* de Peter Watkins torna-se pertinente a todos que buscam maneiras plurais de construir o presente a partir de fatos do passado, visto que o mesmo posiciona o problema da temporalidade histórica como centro da obra cinematográfica.

Referências

Documental:

La Commune (Paris, 1871). Direção de Peter Watkins. 13 Produções. França, 1999, 345 min.

Bibliográficas:

ACHCAR, Gilbert. 1871 A Comuna de Paris. In: LÖWY, Michael (Org.). *Revoluções*. São Paulo: Boitempo, 2009, p. 21-67.

ACOSTA-JIMÉNEZ, Wilson Armando. El cine como objeto de estudio de la historia: apuestas conceptuales y metodológicas. *Folios*, Facultad de Humanidades de la Universidad Pedagógica Nacional, 2018, n. 47, p. 51-68.

BARSOTTI, P., LERNER, F e ORSO, J. P. (orgs.). *A Comuna de Paris de 1871 – história e atualidade*. São Paulo: Ícone Editora, 2002.

BOBBIO, Norberto. MATTEUCCI, Nicola. PASQUINO, Gianfranco (Orgs.). *Dicionário de Política*. 12ª edição. Brasília: Editora da UnB, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

CHIMOT, Jean-Philippe. Daumier, Tardi, P. Watkins: como mostrar o povo?. *ARS*, São Paulo, 2004, vol.2, n.3, p.66-79.

COGGIOLA, Osvaldo. 130 anos da Comuna de Paris: a Comuna de Paris na História. *Tempos Gerais*, São João Del Rei, 2001, n. 3, p. 79-112.

COGGIOLA, Osvaldo. A primeira internacional operária e a Comuna de Paris. *Aurora*, Marília, 2011, v. 4. n, 2, p. 165-183.

COSTA, Silvio. Importância e atualidade da Comuna de Paris de 1871. Dossiê Comuna de Paris: 140 anos. *Revista espaço acadêmico*, n. 118, março de 2011, p. 16-24.

FERRO, Marc. *Cinema e História*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

MARX, Karl. A guerra civil na França. In *MARX e ENGELS (1977): Textos 1, 3 Vol*. São Paulo: Alfa-Ômega. 1977.

REIS FILHO, Daniel Aarão. A Comuna de Paris: última revolução plebéia ou primeira revolução proletária? *Revista da Associação de Docentes da Univ. de Londrina*, Londrina, 1997, p. 07-11.

ⁱ Mestre em História pelo PPGH da Universidade de Passo Fundo, Brasil. E-mail: gasparwaleska@gmail.com

ⁱⁱ Denominação dos membros e apoiadores da Comuna de Paris em 1871.

ⁱⁱⁱ Para Marx — que usou a expressão pela primeira vez na *Luta de classe na França* (1850) e a retomou especialmente na *Crítica do programa de Gotha* (1875) —, a "Ditadura do proletariado" é a organização do ato revolucionário do proletariado, correspondente à fase intermédia entre a destruição do Estado burguês e o surgimento da sociedade sem classes. Marx nunca especificou, e declarou que não se podia especificar, a peculiar forma política que tal Ditadura deve assumir. De um lado, a "Ditadura do proletariado" comportava o desmantelamento do Estado burguês: a abolição da burocracia, da polícia e do exército permanente, como emerge de sua obra sobre a comuna de Paris. De outra parte, a "Ditadura do proletariado" comportava o exercício da violência armada do proletariado por todo o período transitório, que deveria desembocar na completa extinção do Estado e na sociedade sem classes. (BOBBIO, 2002, p.378).

^{iv} Em nível de curiosidade, mais da metade dos 200 atores do filme não tiveram nenhuma experiência prévia com atuação. Muitos deles vieram de comunidades ativistas e foram colocados no filme por interesse por História e um

compromisso com a mudança social. Ao mesmo tempo, Watkins reuniu participantes para o papel de oficiais do estado e burgueses parisienses que não tivessem nenhum interesse e qualquer tipo de revolução da classe trabalhadora, histórica ou contemporânea. Para esse fim, ele colocou anúncios nos meios mais conservadores de imprensa aos interessados.